

A REPRESENTAÇÃO DA ULTRADIREITA NA CULTURA POP: RESENTIMENTO, TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO E REDES SOCIAIS EM *THE BOYS*¹

The representation of the far-right in pop culture: resentment, conspiracy theories and social media in The Boys

Guilherme Theodoro Gusson²

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 24/09093-6.

² Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp, PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. **E-mail:** gt.gusson@unesp.br **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0009-1552-4812>.

Artigo recebido em: 14 abr. 2025 | Aceito em: 30 nov. 2025.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a maneira que as ultradireitas contemporâneas são representadas na cultura *pop*, utilizando como estudo de caso a série televisiva *The Boys*. Entende-se que, por abordar temas como autoritarismo, manipulação midiática e mobilização de paixões, a série oferece um rico campo para compreender a construção de narrativas ultradireitistas. O artigo parte de uma contextualização teórica sobre a ascensão da ultradireita contemporânea, destacando suas principais características e causas. A seguir, busca-se analisar seu *modus operandi*, abordando temas como políticas de ressentimento, teorias da conspiração e uso de redes sociais para mobilizar e engajar apoiadores. Conclui-se que *The Boys* serve não apenas como metáfora da realidade contemporânea, mas também como ferramenta analítica útil para compreender os mecanismos discursivos e emocionais mobilizados pelas novas ultradireitas.

Palavras-chave: Ultradireita. Cultura pop. The Boys.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the way in which contemporary far-right movements are represented in pop culture, using the TV series *The Boys* as a case study. It is understood that, by addressing themes such as authoritarianism, media manipulation and mobilization of passions, the series offers a rich field for understanding the construction of far-right narratives. The article begins with a theoretical contextualization of the rise of the contemporary far-right, highlighting its main characteristics and causes. It then seeks to analyze its *modus operandi*, addressing themes such as politics of resentment, conspiracy theories and the use of social networks to mobilize and engage supporters. It is concluded that *The Boys* not only serves as a metaphor for contemporary reality, but also as a useful analytical tool for understanding the discursive and emotional mechanisms mobilized by the new far-right.

Keywords: Far-right. Pop culture. The Boys.

INTRODUÇÃO

Sobretudo nas últimas duas décadas, o mundo tem testemunhado um momento de profundas fissuras no projeto ideológico da democracia liberal, ancorado na percepção de que a política tradicional não mais representa o povo, mas sim dá voz aos interesses de uma pequena elite econômica, política e cultural. Surge, então, um grande ressentimento em meio a população, que tem sido capturado e capitalizado por movimentos conservadores e nacionalistas das franjas mais radicais da direita que pretendem dar voz ao povo e vazão à sua fúria.

Para além disso, vivenciamos ainda uma nova era da política, em que esta é moldada pela internet e suas tecnologias. A comunicação digital, notadamente as redes sociais, proporcionaram aos usuários maior espaço para compartilhar suas ideias e opiniões, o que, nas mãos de políticos, foi instrumentalizado como meio para mobilização em massa. O que em um primeiro momento

pareceu uma plataforma impulsionadora do ambiente democrático, logo se tornou seu agente mais corrosivo. As novas tecnologias proporcionaram uma infraestrutura para disseminação de notícias falsas, discursos de ódio e ataques à democracia em escala industrial.

Neste cenário, observamos que uma das principais marcas das ultradireitas contemporâneas foi ter desenvolvido primorosa habilidade no campo da comunicação digital. Como sintetizado por Da Empoli (2020), tais movimentos se alimentam sobretudo de dois ingredientes principais: a cólera – ou ressentimento – da população; e uma máquina de comunicação superpotente.

Mediante tal escalada do extremismo político e sua instrumentalização das mídias sociais, torna-se imperativa uma investigação mais aprofundada acerca do *modus operandi* desses grupos. O que vemos com maior frequência nestes estudos é um privilégio a análises institucionais, partidárias, eleitorais ou ideológicas das ultradireitas. Contudo, é cada vez mais necessário observar como essas forças se manifestam e são representadas na esfera cultural. Produções da cultura *pop*, como séries de televisão, podem constituir ferramentas analíticas úteis para compreender os mecanismos discursivos e emocionais mobilizados pela ultradireita. Assim, ao abordar temas como autoritarismo, manipulação midiática e mobilização de ressentimentos, a série *The Boys* (2019-), transmitida pela *Amazon Prime Video*, oferece um rico campo para analisar a construção de narrativas ultradireitistas.

A trama de *The Boys* (2019-) gira em torno da desconstrução da imagem de super-heróis que povoa o imaginário popular, ou seja, pessoas altruístas cujo objetivo último é ajudar a população e tornar o mundo um lugar melhor. Indo em uma direção diametralmente oposta, a série retrata os heróis como figuras deletérias, vaidosas e interessadas apenas em fama, dinheiro e poder, capazes de cometer atrocidades para atingir suas ambições. O jogo político por trás das ações dos heróis é sempre presente, mostrado nos contatos frequentes entre a *Vought* – um conglomerado empresarial responsável por administrar a carreira dos heróis – e o governo dos EUA para selar parcerias.³

A partir da segunda temporada, a série começa a tomar um caminho político mais bem delineado com a chegada de Stormfront. A heroína – que leva o mesmo nome de um *blog* operado por um ex-líder da Ku Klux Klan, que serviu como um polo de neonazistas e supremacistas brancos ao redor do mundo (Mudde, 2022) – é uma antiga nazista que defende a narrativa de supremacia dos super-heróis. Ela se torna a pedra angular na história de Homelander, líder do *The Seven*, o grupo de heróis mais importantes do mundo. A partir do contato entre ambos, há um despertar de consciência em Homelander, que passa a se enxergar como um grande salvador que precisa “redesenhar o mundo e as regras da sociedade à sua maneira e se livrar dos inferiores e impuros, ou seja, da humanidade” (Hailer, 2024).

³ A *Vought* atua nas mais diversas áreas, desde entretenimento, como produção de filmes ou canais de notícia, passando por áreas de saúde, energia, educação e defesa e segurança.

A partir desse momento, *The Boys* (2019-) tem uma grande guinada, marcada por tensões políticas entre a *Vought*, encabeçada por Homelander, e Starlight, heroína dissidente do *The Seven* que busca desmascarar as ações escusas dos super-heróis. O ponto nevrálgico da série vem com a chegada de Sage, heroína cujo poder é a inteligência sobrenatural que lhe garante o título de pessoa mais inteligente do mundo. Ela entra para o *The Seven* para coordenar as ações do grupo perante a sociedade e, assim, não apenas manter sua base de apoiadores engajada como também conquistar cada vez mais simpatizantes. Neste momento, a série passa a retratar magistralmente o funcionamento de movimentos conservadores das ultradireitas atuais, de cujas estratégias Sage se apropria para mobilizar apoiadores: os discursos nacionalistas, a ameaça aos valores tradicionais, a canalização do ódio e do ressentimento, as estratégias de comunicação digital e as teorias da conspiração.

Perante isso, temos o objetivo do artigo: analisar de que maneira a ultradireita e seu *modus operandi* são representados em *The Boys*. Para isso, o artigo se estrutura da seguinte maneira: primeiramente, buscaremos definir aquilo que entendemos como ultradireitas, descrevendo suas principais características e causas. A seguir, abordaremos a questão das políticas de ressentimento, um dos pilares centrais para a sustentação nas narrativas construídas pelos movimentos ultradireitistas. As duas últimas seções se mostram intimamente entrelaçadas ao abordar as estratégias digitais utilizadas por estes movimentos para engajar seus apoiadores: as teorias da conspiração e o uso das redes sociais. Por fim, nas considerações finais, sintetizamos os temas desenvolvidos ao longo do artigo.

A escolha por analisar *The Boys* parte da compreensão de que a figura clássica do super-herói ocupa um lugar central no imaginário popular, funcionando como mito moderno que legitima ideias de excepcionalismo, virtude moral e liderança heroica – um repertório simbólico por vezes apropriado pelas ultradireitas na construção de suas narrativas. Ao subverter esse arquétipo e apresentar super-heróis como agentes corporativos, autoritários e manipuladores, a série tensiona precisamente tais repertórios simbólicos e oferece, portanto, um terreno fértil para observar o *modus operandi* da ultradireita baseado em ressentimento, conspirações, culto à personalidade e manipulação midiática. Assim, a análise de *The Boys* permite não apenas compreender como a ultradireita é representada ficcionalmente, mas também como a série desestabiliza os fundamentos simbólicos que sustentam sua força mobilizadora no mundo real, justificando a pertinência e a relevância do objetivo proposto neste artigo.

UMA BREVE DEFINIÇÃO DAS ULTRADIREITAS

Em meio às tensões políticas entre a *Vought* e Starlight, Homelander vai à público e, fazendo jus ao seu nome (Capitão Pátria, na versão em português), adota discursos conservadores e ultranacionalistas para inflamar seus apoiadores – que, vestindo as cores da bandeira estadunidense tal como o herói, carregam cartazes com dizeres como “*Keep America Safe*” e “*God, guns & Homelander*”. Suas palavras ao povo são sempre carregadas da raiva e frustração daqueles que se sentem oprimidos pelo sistema:

[...] O país enfrenta a maior ameaça de sua história: *starlighters*.⁴ Sabem o que esses malucos querem fazer agora? Eles querem se livrar dos super-heróis. Querem se livrar de mim. E vão querer substituir vocês com alguns socialistas não-binários e ateus como eles. A líder depravada deles, Starlight, é quem manda. [...] Eu amo este país, então não vou deixar nada acontecer. O *The Seven* vai revidar (The Boys, 2019-, t.4, ep.2).

Como resposta, o público vibra, aplaude e se orgulha de ter à sua frente um líder que lutará pela preservação dos valores de sua nação e não permitirá que as forças diabólicas do inimigo tomem o poder do país.

Esta situação representa perfeitamente um amálgama das ideias ultraconservadoras que vêm ganhando força ao redor do mundo nas últimas décadas. Utilizando de discursos nacionalistas, narrativas anti-inimigo e frequentes informações falsas, líderes extremistas vêm ganhando eleições e ocupando números recordes de cadeiras em parlamentos dos mais diversos países. Mais importante, há uma normalização dessas pautas e a consolidação desses grupos no sistema político. Testemunhamos, pois, o que Cas Mudde (2022) denomina de Quarta Onda da ultradireita.

Ultradireita (*far-right*, em inglês) é um termo guarda-chuva utilizado para denominar os diversos agrupamentos que fazem parte das alas mais extremistas da direita política, e pode ser esmiuçado em dois subgrupos: 1) a direita radical populista (DRP), que, embora defenda valores iliberais, não rejeita a democracia e participa de processos eleitorais; e 2) a extrema direita, composta, por exemplo, por grupos fascistas e neonazistas que descartam completamente as vias eleitorais (Mudde, 2007, 2022; Pirro, 2023). Portanto, o que começou com pequenos grupos com ideais xenofóbicos, racistas, homofóbicos e autoritários, alastrou-se amplamente, tomando as mais diversas faces e se mostrando uma grande ameaça à lógica pluralista da democracia (Barbosa Jr., Casarões, 2021).

Entre esses segmentos, a DRP foi o que mais se destacou e ganhou espaço mundialmente. Como forma de mobilizar o povo, seus líderes têm se apoiado na insatisfação popular com o cenário político tradicional, crises econômicas e a crescente polarização acerca de questões identitárias, migratórias e de gênero, por exemplo. Neste cenário, estes movimentos passam a questionar e desafiar a legitimidade da ordem liberal e da globalização, atribuindo a elas – e às elites transnacionais que as levam a cabo – a culpa do cenário socioeconômico precarizado e da ameaça imposta aos valores tradicionais e à identidade do povo. Dessa forma, a direita radical se apresenta como um agente de proteção social, utilizando uma retórica nacionalista de defesa da identidade nacional e de rejeição ao cosmopolitismo, à diversidade social e ao multiculturalismo (Abrahamsen *et al.*, 2020; Sanahuja, Burian, 2020).

De modo geral, a literatura destaca três pilares principais que sustentam a DRP: 1) nativismo, isto é, um nacionalismo iliberal e xenofóbico que cria uma dicotomia entre aqueles que pertencem à nação e aqueles que não pertencem; 2) populismo, que, por sua vez, cria uma

⁴ Como são chamados os apoiadores de Starlight.

dicotomia entre o povo puro e a elite corrupta⁵; e 3) autoritarismo, que cria uma retórica política de lei e ordem e, consequentemente, uma dicotomia – legal e moral – entre os seguidores da lei e os infratores (Barbosa Jr., Casarões, 2022; Casarões, Farias, 2021; Mudde, 2022). Ou seja, em essência, a DRP busca implementar a ideia de uma clivagem social entre “nós” e os “outros”, em uma expressão da lógica política schmittiana de amigo/inimigo (Schmitt, 2008) – e para isso, a construção de uma identidade nacional homogênea é fundamental, de modo que qualquer um que ameace subverter ou corromper tal identidade é visto como inimigo.

A ascensão da DRP desestabilizou e virou do avesso muitas das convenções já estabelecidas no jogo político. A começar pela figura do líder. Como todo populista, constrói-se a imagem de um líder forte e carismático – na maioria das vezes um homem branco, ou pertencente à maioria étnica –, capaz de mobilizar as massas ao se colocar como legítimo representante do povo e de sua vontade. A fim de manter sua narrativa de pertencimento ao povo, o líder se coloca como um *outsider*, isto é, alguém que não faz parte da elite política. Isso lhe permite se afastar da impopularidade de governos anteriores e da incompetência que geralmente se associa aos políticos tradicionais. Para se aproximar do povo, o líder constrói uma imagem de homem comum, utilizando uma linguagem simples e até mesmo vulgar, falando sobre assuntos cotidianos como esportes e mulheres, apelando a estereótipos machistas e preconceituosos e utilizando expressões chulas (Mudde, Kaltwasser, 2017).

O líder populista é retratado como um homem de ação – geralmente viril e potencialmente violento – que faz o que for necessário para cumprir seu dever de servir ao povo e não tem medo de tomar decisões difíceis, mesmo que tenha que ir contra os conselhos de especialistas (Mudde, Kaltwasser, 2017). Populistas como Donald Trump e Jair Bolsonaro, através de seu estilo agressivo, da crueza de sua linguagem, suas provocações, discursos improvisados e capacidade de inflamar as massas, conseguiram exprimir sua autenticidade e se distinguir dos políticos profissionais. Assim, aos olhos do povo, seus defeitos se transformam em qualidades. Sua inexperiência é a prova de que eles não pertencem ao establishment, sua ignorância e maus modos os humanizam e os aproximam do cidadão comum, e sua agressividade transmite um sentimento de força e de coragem para desafiar as convenções e lutar pelos interesses do povo, diferentemente dos burocratas (Da Empoli, 2020).

O principal efeito desse estilo de política é “a liberação da palavra e do comportamento” (Da Empoli, 2020, p.89). Insultos, preconceitos e discriminações deixam de ser tabus, assim como as *fake news* e conspirações. Tudo isso é apresentado como “uma guerra sacrossanta para a libertação da voz do povo, finalmente desatada dos códigos opressivos das elites globalizadas e politicamente corretas” (Da Empoli, 2020, p.89). Dessa forma, os populistas podem ser vistos

⁵ Da mesma maneira como o povo é, em última análise, uma construção política, a elite também é. Se antes a elite se referia a classes sociais mais altas, hoje ela acabou por se tornar uma construção do “outro”, podendo pertencer aos mais diversos nichos, como as elites política (o dito establishment), econômica, midiática, acadêmica ou cultural.

como *trolls*⁶ da vida real: gafes constantes, mentiras descaradas, insultos aos adversários – quase sempre com tons preconceituosos –, entre outros comportamentos para suscitar o caos. No cenário insosso da política tradicional, o populista vem para chocar, indignando os adversários e levando o público ao delírio com seus absurdos e sua falta de decoro. A indignação despertada torna-se, assim, seu maior instrumento de publicidade.

Em *The Boys* (2019-), isso se evidencia através das posturas descontroladas de Homelander, que se exalta e insulta, irado, seus inimigos e seus próprios apoiadores – todos reles humanos perante ele, um ser superior. Mas ainda assim consegue apoio do público. “Eles estão dizendo que você é confiante, não se desculpa, e que não tem medo de ser você mesmo”, diz a CEO da *Vought* no dia seguinte a um dos surtos do herói (*The Boys*, 2019-, t.3, ep.3). Em outro momento, incrédulo, Homelander reflete: “Eu mostro às pessoas meu verdadeiro eu e elas me amam por isso. Se eu soubesse disso antes... Existem tantas coisas que sempre quis fazer e agora eu posso, finalmente. Ninguém pode me deter. Estou finalmente livre” (*The Boys*, 2019-, t.3, ep.3).

Por fim, além de apresentar um líder forte e carismático, outro elemento central da retórica da DRP é, como vimos, a dicotomia entre “nós” e o “outro”, estimulando o ressentimento do povo com o establishment acerca dos mais diferentes temas. Para identificar as principais demandas e objetos de frustração do povo, há um trabalho minucioso de ideólogos, consultores políticos, marqueteiros e, mais recentemente, analistas de dados. Após a identificação dos temas, inicia-se o trabalho de mobilização do povo, apoiando-se em sua raiva para com a política e utilizando amplamente os meios digitais para engajá-lo, mesmo que para isso seja necessário o uso de conspirações e *fake news*. Todos esses temas serão trabalhados nas próximas seções.

RESSENTIMENTO COMO FORMA DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

As emoções possuem um papel fundamental na política, contribuindo para a mobilização e persuasão do povo (Wirz, 2018): quanto mais raiva ou esperança as pessoas sentem, mais persuadidas elas são pelas mensagens políticas. Tendo isso em vista, a ira e o ressentimento são dois fortíssimos motores responsáveis por mover a sociedade ao longo da história. Durante a Quarta Onda, a ultradireita tem sido perspicaz em captar esses sentimentos e explorá-los politicamente para arregimentar apoiadores.

Certamente, o ressentimento é uma emoção complexa e pode incluir outros sentimentos, como raiva, indignação e medo. Conforme trabalhado por Damhuis e Rashkova (2024, p.2, tradução minha), podemos definir o ressentimento como “uma forma de raiva moral ou indignação justa em reação à injúria ou desigualdade”. Isto é, uma emoção hostil que parte da percepção de ter sofrido algum mal injustamente. Estas percepções de injustiça “ocorrem quando recursos valiosos (incluindo o *status*), que de outra forma estariam disponíveis aos sujeitos, lhes são negados por uma agência externa que privilegia a si própria e/ou a grupos externos em vez

⁶ Na linguagem da internet, *troll* é o usuário que dissemina discórdia e o caos nas redes sociais. Seus ataques podem ser direcionados ou agir de maneira aleatória.

disso” (Damhuis, Rashkova, 2024, p.3, tradução minha). Em outras palavras, o ressentimento nada mais é do que a ideia de que há outros desfrutando de algo no meu lugar, e se eu não desfruto seja lá do que for, é por culpa de alguém (Fassin, 2019). Isto implica no desejo de retaliar aos que recebem privilégios imerecidamente e alterar esta situação injusta e inaceitável.

Na política, este ressentimento surge naqueles que “pensam ter sido lesados, excluídos, discriminados ou insuficientemente ouvidos” (Da Empoli, 2020, p.71). Tendo surgido com ou sem razão, tal sentimento é percebido como real (Wirz, 2018), e justamente por isso tais pessoas são passíveis de serem mobilizadas pela narrativa da DRP na qual os perdedores do jogo político devem expressar sua raiva através da política. Estas narrativas partem essencialmente de três frentes intimamente entrelaçadas: política, economia e cultura.

As raízes políticas do ressentimento concernem à erosão da democracia liberal e a revolta com as elites. Mediante aos diversos problemas enfrentados – desemprego, altos preços, corrupção etc. –, passou a existir a sensação de que o Estado e seus governantes parecem surdos às demandas do povo. Consequentemente, houve a perda de popularidade e confiança nas lideranças e partidos tradicionais, vistos como uma gigantesca máquina burocrática com rituais demorados e ineficazes que servem apenas aos propósitos de uma minoria, composta por grandes corporações e os próprios políticos (Da Empoli, 2020; Mounk, 2018). Partindo desses elementos, a DRP argumenta que o cenário político atual está completamente corrompido e a vontade do povo não é mais representada. Portanto, o povo não deve mais tolerar tal sistema, a democracia do jeito que está não vale mais a pena. Ela deve ser profundamente reformada ou dever-se-ia pensar em um outro modelo – e isso seria levado a cabo por um legítimo representante do povo, quase sempre oferecendo alternativas autoritárias.

As raízes econômicas, por sua vez, referem-se sobretudo à globalização e suas desigualdades. Com o aumento da integração econômica mundial e dos fluxos de serviços e pessoas, o processo de hiperglobalização passou a ser percebido como muito mais benéfico para países periféricos, especialmente da Ásia, do que para os países do Norte Global – isto é, Europa e EUA. Outrossim, as grandes elites econômicas também foram beneficiadas, multiplicando suas fortunas. Por outro lado, choques produzidos pela globalização, como a crescente penetração de importações, desindustrialização, influxo de imigrantes e crises financeiras, geraram perdas de emprego, estagnação ou mesmo retração na renda da classe média (baixa) em países do Norte (Milanovic, 2016; Rodrik, 2021). Consequentemente, surgiu a percepção da existência de “vencedores” e “perdedores” da globalização, levando a um profundo ressentimento em razão da insegurança econômica, explicitado na frustração perante os grandes plutocratas e uma visão xenofóbica acerca de imigrantes. Estes elementos, claro, foram explorados pela direita radical para mobilizar a população contra as elites que não trabalham, mas acumulam grandes fortunas, e contra os estrangeiros que roubam seus empregos e ainda se beneficiam de políticas públicas como moradia, saúde ou transferência de renda. O Estado, portanto, deveria beneficiar os

verdadeiros trabalhadores, a espinha dorsal da economia e verdadeiros membros do povo (Damhuis, Rashkova, 2024; Mudde, 2022).⁷

Já as raízes culturais dizem respeito à identidade. Nesta dimensão, o aumento dos fluxos migratórios implicou na “transferência das preocupações socioeconômicas para o campo sociocultural” (Mudde, 2022, p.115), de modo que muitos eleitores passaram a associar a figura do imigrante não apenas a problemas econômicos, mas também a ameaças à identidade nacional (Eatwell, Goodwin, 2020). Ao mesmo tempo, nos últimos anos houve um significativo aumento da visibilidade de grupos minoritários e de pautas de defesa da diversidade e combate a quaisquer tipos de discriminação. Como resposta, a DRP se apoiou na narrativa de supostos ataques a uma maioria oprimida, defendendo a família e os conceitos tradicionais de gênero e orientação sexual (Damhuis, Rashkova, 2024). Bolsonaro, por exemplo, reproduzia constantemente discursos sobre a “destruição da família tradicional” ou a infame falácia da “ditadura gay” (Bolsonaro..., 2022).

Nesta esteira, a DRP adotou uma agenda de defesa de uma liberdade de expressão absoluta, mesmo que isso viole os direitos de minorias, e, com isso, declarou guerra ao “politicamente correto”. Partindo desses pontos, produziu-se em seus apoiadores a imagem dos progressistas como pedantes de nariz empinado (Da Empoli, 2020), e sua preocupação com pautas sociais leva a reações como “o mundo está chato” ou “não se pode mais falar nada”.

Em suma, os eleitores se sentem castigados por um processo de globalização que lhes foi empurrado pelas elites políticas e econômicas nas últimas décadas. Perderam seus empregos, seu poder aquisitivo retrocedeu e temem ainda a quase inexorável chegada do “outro”, isto é, a perspectiva de uma sociedade multicultural e multiétnica. Partindo dessas três frentes, a ultradireita encontrou seu trunfo: dar voz à fúria e aos ressentimentos do povo. Sua plataforma política não consiste em unir as pessoas em torno de um denominador comum ou as mobilizar em prol de pautas racionalmente fundamentadas. Ao contrário, o substrato de sua política consiste em inflamar paixões. Logo, “para conquistar uma maioria, [a DRP] não [vai] convergir para o centro, e sim unir seus extremos”, de modo que seu sucesso é medido pela sua capacidade de “captar os votos de revoltados e furiosos” (Da Empoli, 2020, p.21).

Assim, concentrando-se em constantemente estimular o ressentimento do povo, a DRP afirma ao público que as soluções para esses problemas são muito mais simples do que os políticos do establishment nos fazem acreditar. Afinal, para os populistas, a política em si é um assunto simples – basta que a voz do povo seja ouvida. Inevitavelmente, isso nos leva a uma questão: “Se os problemas políticos de nosso tempo são tão fáceis de consertar, por que persistem?” (Mounk, 2018, p.22). Como resposta, sugerem que se as soluções são tão óbvias, “as elites políticas devem estar deixando de implementá-las por um por um motivo ou outro: ou são corruptas ou estão

⁷ Donald Trump, em sua campanha presidencial em 2016, explorou este discurso para defender os operários estadunidenses prejudicados pela globalização. Com isso, conseguiu imenso apoio no *Rust Belt*, região do Meio-Oeste dos EUA permeada por um decadente complexo industrial (Magalhães, 2018a). Interessantemente, após discursos públicos inflamados de Homelander, nos mesmos tons trumpistas, sua popularidade subiu vertiginosamente também no *Rust Belt* (The Boys, 2019-).

trabalhando secretamente em prol de interesses externos” (Mounk, 2018, p.58). Portanto, negando admitir que os problemas podem ser complicados, os populistas procuram alguém para culpar. Neste ponto entra os discursos anti-inimigo.

Em um discurso enraivecido, Homelander sintetiza perfeitamente tal retórica:

Durante toda minha vida as pessoas tentaram me controlar. [...] pessoas ricas, poderosas, tentaram me amordaçar, me cancelar, me manter impotente e obediente, como uma marionete! [...] Adivinhem. Se eles podem me controlar, então podem apostar que eles podem controlar vocês. Já controlam, vocês só não percebem. Chega. Chega de me desculpar, de ser perseguido pela minha força (The Boys, 2019-, t.3, ep.2).

Tempos após proferir estas palavras, o herói é entrevistado sobre o assunto. Ele segue o mesmo tom: “Estou cansado das mentiras vendidas pela mídia *mainstream*. Mas a verdadeira questão é: quem está por trás desses ataques? Quem quer me silenciar?” (The Boys, 2019-, t.3, ep.4). Respondendo a estas perguntas, o entrevistador sugere ser as pessoas poderosas que Homelander havia mencionado anteriormente. Mas quem seriam elas? “A maior parte são pessoas das quais nunca ouviu falar”, o herói continua. “Elas agem nas sombras. E são elas que ditam as regras. E infelizmente elas estão em todos os lugares. Até mesmo dentro da *Vought*” (The Boys, 2019-, t.3, ep.4).

O discurso de Homelander não difere dos populistas da direita radical. Sua retórica é cheia de ameaças vindas de um inimigo misterioso, de quem nunca ouviram falar, mas que está sempre presente, atentando contra o povo, envolvendo-o em uma rede de mentiras e manipulações, impedindo-o de prosperar. Os culpados geralmente vêm de fora do país. Forças estrangeiras ocultas que agem para destruir a nação e sua identidade: a China comunista, os imigrantes – especialmente os muçulmanos terroristas e os latinos criminosos – ou as elites transnacionais que empurram sua agenda globalista (Casarões, Farias, 2021; Mounk, 2018). Todos eles são parasitas, responsáveis pelo solapamento não somente dos valores tradicionais da nação, mas também de sua economia.

Vemos, portanto, que o ressentimento e a raiva são fontes colossais de mobilização e estão sendo habilidosamente exploradas pelas ultradireitas, que, por sua vez, apresentam-se como válvulas de escape e a tradução política desses sentimentos. Para manter esta chama acesa, estes movimentos nutrem a frustração do povo, recorrendo frequentemente a narrativas sobre um inimigo misterioso. Isto, por sua vez, abre margem para o uso de *fake news* e teorias da conspiração, que se tornaram poderosas armas nas mãos da ultradireita como veremos a seguir.

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

De maneira sintética, teorias da conspiração são narrativas especulativas que frequentemente giram em torno da ideia de que “alguém ou algum grupo de pessoas intenciona perpetrar algum tipo de mal contra um indivíduo ou população específica” (Oliveira, 2022, p.135). Trata-se, geralmente, de um inimigo secreto, que age nas sombras para consolidar seu poder. Tais

teorias quase nunca apresentam base factual ou evidências concretas; pelo contrário, costumam atacar fatos solidamente comprovados, acusando-os de defender os propósitos do inimigo.

As conspirações são uma das maneiras que muitos encontram para lidar com suas frustrações e ressentimentos, porque, através de suas narrativas, aniquilam as incertezas e inseguranças, oferecem explicações plausíveis para suas mazelas ao mesmo tempo em que transmitem uma mensagem acolhedora (Han, 2022). Os conspiracionistas compreendem os raivosos e reconhecem sua ira e frustração e, ao mesmo tempo, mostram que a culpa não é deles, mas sim dos outros, e oferecem a oportunidade de se tornar guerreiros da verdade e da justiça (Da Empoli, 2020).

Quando instrumentalizadas politicamente, estas teorias têm o objetivo de prejudicar a imagem do inimigo, ao passo que beneficiam seus autores e as ideias as quais defendem (Oliveira, 2022). Isso foi engenhosamente incorporado pela ultradireita ao perceberem que, em comunidades digitais, milhões de pessoas vivem “mergulhados numa realidade paralela à qual são ferozmente afeiçoados” (Da Empoli, 2020, p.96). Essas comunidades agregam milhões de usuários em plataformas como *4chan* e *Reddit* através da sensação compartilhada de marginalização social e revolta contra o establishment político e midiático, dominados por uma cultura progressista que persegue aqueles que não se conformam com seus dogmas politicamente corretos. Consequentemente, esses microcosmos são quase sempre impregnados por uma cultura altamente excludente e violenta. Protegidos pelo anonimato, os usuários se sentem à vontade para dar vazão à sua fúria e expressar tudo que lhes são proibidos no mundo real: declarações racistas, homofóbicas, antisemitas, misóginas etc. Nenhum argumento é tabu. (Da Empoli, 2020; Lobão, 2025; Oliveira, 2022).

Neste cenário caótico, inúmeros usuários se dispõem a lutar contra este establishment corrupto e desmascarar seus planos perversos. Por conta disso, não confiam nas mídias tradicionais, pois elas estão em conchavo com os inimigos da nação e encobrem todas as suas ações. Portanto, na guerra contra a hegemonia progressista, veículos alternativos – como o *InfoWars*, Brasil Paralelo e outros *blogs*, fóruns, canais no YouTube e páginas nas redes sociais – tornaram-se as principais fontes de informação, e o uso de conspirações tornou-se extensivo. De teorias da Terra Plana a vacinas que causam autismo (ou que contém chips para exercer controle humano), as ideias mais absurdas foram espalhadas (Oliveira, 2022).

Entre as teorias mais difundidas pela ultradireita destacam-se o globalismo e o marxismo cultural. Segundo esta narrativa – construída originalmente por teóricos da direita americana na década de 1990 –, elites transnacionais (compostas por organismos internacionais e bilionários como George Soros) estariam em conluio com partidos de esquerda, universidades e grandes mídias para obter o controle de instituições políticas e culturais e implementar um “projeto de destruição da cultura ocidental, ao fomentar o feminismo, o ‘gayzismo’ [...], o ambientalismo, o multiculturalismo, etc.” (Magalhães, 2018b). O objetivo último das elites globalistas e dos marxistas culturais seria “aculturar sociedades, minando os valores tradicionais de família, nação

e Deus por meio da imposição generalizada de visões de mundo progressistas e cosmopolitas” (Casarões, Farias, 2021, p.12, tradução minha). Tal “ideologia globalista” foi frequentemente mencionada por Trump e reproduzida mundo afora. No Brasil, por exemplo, foi pauta da política externa levada a cabo pelo Ministro das Relações Exteriores bolsonarista Ernesto Araújo.

Explorando este cenário, *The Boys* (2019-) retrata perfeitamente o mundo das conspirações. Em uma convenção de armas de fogo – recheada de pessoas tipicamente do Meio-Oeste americano, todos brancos, com roupas xadrez e chapéus de caubói, ao som de música *country* –, o super-herói veterano Gunpowder discursa:

Se Dakota Bob Singer for eleito presidente, digam olá ao socialismo de esquerda. Pois eu garanto a vocês que ele vai seguir a cartilha globalista de George Soros. Primeiro passo: oprimir os cidadãos e confiscar suas armas de fogo. Segundo passo: fazer com que tudo isso seja noticiado com entusiasmo pelos chamados meios de comunicação. Terceiro passo: em todas as salas de aula pelo país, ensinarão a odiar a América, a Constituição e a Segunda Emenda.⁸ Para nossa sorte, a maioria silenciosa e a Associação Vought de Rifles, estamos armados e prontos para revidar (*The Boys*, 2019-, t.3, ep.2).

Nessas palavras Gunpowder sintetiza a teoria da conspiração abordada acima: unindo a ideia de globalismo a grandes paixões norte-americanas – a pátria e as armas – o herói fala sobre destruição da nação e uma “maioria silenciosa”, oprimida pelas agendas progressistas das minorias do establishment, além de apresentar a si e seus seguidores como agentes de proteção contra estes inimigos.

Seguindo no mesmo caminho, a série apresenta a *TruthCon* (“convenção da verdade”), evento organizado por autoproclamados patriotas e guerreiros da verdade. A convenção conta com todo tipo de discurso ultraconservador e conspiratório: por toda parte bandeiras dos EUA e cartazes com dizeres bíblicos e apologia as armas; *stands* com informações terraplanistas, negacionismo a respeito de mudanças climáticas, panfletos sobre supremacia branca e sobre o decadentismo da América, e até mesmo supostas provas de que Starlight é reptiliana (*The Boys*, 2019-, t.4, ep.2).⁹

A atração principal do evento é Firecracker, super-heroína conhecida por seu pequeno *podcast*, *The TruthBomb*, em que apresenta fatos totalmente distorcidos, quando não completamente fantasiosos, todos imbuídos de juízos de valor cristãos e patrióticos para denunciar e julgar seus inimigos (*The Boys*, 2019-). Firecracker é a personificação das estratégias utilizadas na guerra cultural empreendida pela DRP e sua busca para conquistar corações e

⁸ Referência à Segunda Emenda da Constituição dos EUA, que garante o direito ao porte de armas.

⁹ Existem eventos equivalentes à *TruthCon* no mundo real. A *ReAwaken America Tour*, por exemplo, alcançou certo destaque no cenário político dos EUA, já tendo contado com a participação de nomes importantes da ultradireita estadunidense, como Roger Stone, o conselheiro político de Trump, e o filho do presidente americano, Eric Trump. Trata-se de uma série de comícios realizados em todo o país com o objetivo de promover o reavivamento cristão conservador, apoiar as campanhas trumpistas e disseminar uma série de teorias da conspiração – incluindo temas como globalismo, QAnon, desinformação sobre a COVID-19 e profecias apocalípticas (Hagen, 2022). Além de abordar os mesmos temas, a estética da *TruthCon* e da *ReAwaken America Tour* também é a mesma: por toda parte bandeiras dos EUA, pessoas vestindo as cores nacionais e cartazes com dizeres bíblicos – além da venda de produtos enganosos, como equipamentos de proteção contra a radiação de eletrônicos ou “cafés patrióticos”.

mentes. Seus discursos são cheios de apelos às paixões do público: o tom nacionalista, as falas religiosas, a defesa da identidade, as críticas recheadas de ressentimento e cólera, e, mais importante, a utilização indiscriminada de *fake news* e conspirações para engajar seus apoiadores em uma cruzada contra seus inimigos.¹⁰

O principal alvo das *fake news* de Firecracker é Starlight. Em sua campanha de difamação, é dito que Starlight comanda uma rede de pedofilia em conjunto com Hollywood. A *Starlight House*, um lar para adolescentes em situação de risco criada pela heroína, supostamente seria uma fachada para essa rede de pedofilia e tráfico humano – além de darem vacinas que causam autismo. Para levar a cabo seu discurso, Firecracker não poupa ataques a minorias: “o único risco que esses adolescentes correm é de serem abusados e jogados na masmorra de LGBterror de Starlight” (The Boys, 2019-, t.4, ep.1). Os absurdos tampouco são deixados de fora:

Não vou suavizar, nós temos uma crise nacional. O próprio Homelander já disse: Starlight trafica crianças. [...] E nas próximas duas horas eu vou provar que Starlight trabalha com a Oprah e com Tom Hanks para criar um serviço satânico de *delivery*. Se pedir um *hot-dog*, te dão um menino. Se pedir um taco, uma menina. Um combo vale uma criança que eles forçaram a fazer cirurgia trans. [...] Se você somar todas as letras de todos os filmes do Tom Hanks, o resultado é 311, que é o código policial para pornografia infantil. É pura lógica (The Boys, 2019-, t.4, ep.2).

Ao conhecer Firecracker, Sage, agora estrategista política da *Vought*, finalmente encontra aquilo que procurava: alguém capaz de inflamar as massas e atacar seus inimigos implacavelmente. Após o recrutamento de Firecracker para o *The Seven*, Homelander não entende a escolha da nova integrante. “Ela? Sério? [...] Isso que vai calá-los [o povo]?”. Sage então revela o centro de seu plano: “Não. Ela vai torná-los mais barulhentos” (The Boys, 2019-, t.4, ep.3). E é justamente isso que acontece.

Resguardada pela grande aparelhagem da *Vought*, o alcance de Firecracker aumenta exponencialmente. Se antes seu *podcast* contava apenas com algumas dezenas de seguidores, agora ela fala para milhões de pessoas em rede nacional. Seu primeiro programa é gravado em um palco em frente à *Starlight House*. Além das cores da bandeira estadunidense por todo o cenário e uma imensa placa com os dizeres “*The Children's Freedom Fighters*”, o evento contou com sermão de um pastor evangélico super-herói e uma enxurrada de *fake news* e conspirações – a maioria envolvendo questões religiosas. Em determinado momento, Firecracker dispara uma grave acusação, feita a partir de informações que conseguiu ilegalmente: meses atrás, Starlight havia feito um aborto. Com isso, a difamação e o julgamento tornam-se ainda mais pesados: “Ela foi criada como cristã. Ela sabia a diferença entre o certo e o errado. Ela sabia exatamente o que estava fazendo. Então querem dizer que aqueles adolescentes estão seguros com ela? Com aquela assassina de bebês?” (The Boys, 2019-, t.4, ep.4).

¹⁰ Interessantemente, Firecracker é apresentada com uma das principais vozes do *Alt-Supe Movement* (Movimento Super Alternativo) no YouTube, em uma clara referência à *alt-right* (direita alternativa nos EUA).

As mentiras de Firecracker viralizam e logo apresentam suas imensas repercussões. A imagem de Starlight é severamente prejudicada, enquanto Firecracker ganha tração e se torna âncora do principal jornal da TV, onde declara em rede nacional: “Esta é uma guerra bíblica do bem contra o mal, pessoal. E eu declaro temporada de caça aos *starlighters*” (The Boys, 2019-, t.4, ep.5). Com isso, um exército alucinado é erguido contra Starlight, manifestando-se nas redes e nas ruas, invadindo e depredando a *Starlight House*, promovendo campanhas de ódio contra a heroína e seus apoiadores.

Neste contexto, um acontecimento em específico nos chama atenção. Após as *fake news*, um homem entra na *Starlight House* e pergunta: “Onde estão as crianças? Aquelas no porão”. O funcionário ao qual se dirige não entende a pergunta, e diz que nem ao menos têm um porão. Então o homem saca uma arma e grita: “Firecracker está atrás de vocês, pedófilos. O que vocês estão vendendo? Pizza de queijo? Pornografia infantil? Afaste-se. Eu vou resgatar essas crianças” (The Boys, 2019-, t.4, ep.3). Por sorte, o homem é rapidamente desarmado e detido antes que pudesse atirar.

O que nos chama atenção nesta cena é o fato de retratar fielmente um episódio real que repercutiu mundialmente durante as eleições presidenciais dos EUA em 2016: o *Pizzagate*. Trata-se de uma das mais famosas teorias da conspiração desenvolvidas por comunidades *online* apoiadoras de Donald Trump. Após *e-mails* pessoais de John Podesta, chefe da campanha de Hillary Clinton, serem vazados pela *WikiLeaks*, a repetição dos termos “pizza” e “queijo” despertaram a atenção de usuários, que iniciaram uma investigação particular, sem qualquer respaldo de documentações confiáveis. Entre as alegações, afirmava-se que “pizza de queijo” era código para se referir a pornografia infantil; “molho” significava orgias com menores, das quais Podesta faria parte, entre outros códigos. O centro deste esquema seriam os porões da pizzeria *Comet Ping Pong*, onde Democratas supostamente se encontravam para abusar de crianças e realizar rituais satânicos (Bomfim, 2024). Assim, “manipulando imagens, descontextualizando mensagens e decifrando códigos que não existiam, ativistas de [ultra]direita criaram uma longa narrativa tentando comprovar a associação [de] Podesta a crimes de pedofilia” (Oliveira, 2022, p.147).

Esta *fake news* atingiu milhões de pessoas e, mesmo sem provas, acabou afetando a campanha de Clinton. Porém, o principal ponto da materialização dessa teoria do mundo virtual para o real aconteceu na *Comet Ping Pong*. A pizzeria passou a receber ameaças e ataques, a ponto de um homem invadir o estabelecimento com um fuzil e disparar três vezes com o objetivo de resgatar as crianças presas e escravizadas (Bomfim, 2024).

Mediante isso, vemos a internet como uma ferramenta de importância crescente e inquestionável na sociedade. Diferentemente das mídias tradicionais, a internet é um território completamente livre, permitindo que todos participem juntos, tornando-se sujeitos ativos (Oliveira, 2022), “sem nenhuma distinção baseada em grau de instrução. A opinião do primeiro que passa vale tanto quanto, ou talvez mais, que a do *expert*” (Da Empoli, 2020, p.22). As

comunidades virtuais produzem, assim, uma sensação de pertencimento. Os usuários não são mais párias da sociedade, mas sim soldados que lutam pela justiça e pela verdade e que participam ativamente de importantes momentos da história. As “verdades alternativas” compartilhadas, ao mobilizar as paixões dos usuários, tornam-se vetores de coesão para tais grupos, de modo que “a verdade dos fatos, tomados um a um, não conta. O que é verdadeiro é a mensagem em seu conjunto, que corresponde [aos] sentimentos e [às] sensações” (Da Empoli, 2020, p.23).

Destarte, as comunidades conspiracionistas configuram-se em exemplos do processo de tribalização que vem ocorrendo nos últimos anos em resposta à globalização e a consequente multiculturalização da sociedade, que gera uma sensação de desintegração do modo de vida tradicional conhecido. As tribos “tornam possível uma experiência forte de identidade e pertencimento” (Han, 2022, p.58). Desse modo, as informações compartilhadas nessas comunidades deixam de ser apenas opiniões ou fontes de conhecimento e passam a ser elementos centrais na construção da própria identidade dos usuários. As informações, portanto, já não tem mais relação alguma com fatos, tampouco necessitam de fundamentação – a razão dá lugar à emoção. Renunciar a tais convicções deixa de ser uma possibilidade, mesmo quando confrontados com informações que as contradigam completamente, pois isso implicaria na perda de sua identidade. Consequentemente, torna-se inviável a construção de diálogos e a conciliação. Ocorre, então, a radicalização do discurso político. Ao invés de eleitores pragmáticos, formam-se exércitos alucinados de eleitores que se apegam apenas a narrativas que captam suas aspirações e seus medos.

Ao conhecer Firecracker durante a *TruthCon*, Sage pergunta: “Você realmente acredita nisso? Ou é só um monte de besteiras encobrendo uma vingança pessoal?”, e logo em seguida vai além, “O que você vende?” (The Boys, 2019-, t.4, ep.2). Revelando suas reais motivações, Firecracker responde:

Eu vendo propósito. Essas pessoas não têm nada. Talvez tenham perdido o emprego, a casa, ou um filho para as drogas. E os políticos não dão a mínima e a mídia *mainstream* os manda ter vergonha da cor da própria pele. Então eu os reúno, conto uma história e dou um propósito. No que prefere acreditar? Que você pertence a uma comunidade que luta contra um mal secreto ou um ninguém solitário e inconsequente que ninguém vai se lembrar? (The Boys, 2019-, t.4, ep.2).

Observa-se, pois, que, mais do que uma mera arma política, as conspirações buscam agir como um “instrumento de transformação cultural” (Oliveira, 2022, p.148), reinventando valores e confrontando ideais progressistas. Além de agir para desqualificar inimigos, estas teorias buscam mobilizar a sociedade em torno de pautas radicalizadas e abrir espaços para representantes políticos de tais ideias. Por fim, como foi possível observar ao longo desta seção, a internet e suas comunidades virtuais se tornaram uma espécie de epicentro para tais construções políticas ultradireitistas. Neste cenário, a comunicação digital, possibilitada pelas redes sociais, exerceu um papel fundamental no engajamento do público em torno de pautas extremistas, tema trabalhado a seguir.

REDES SOCIAIS

As redes sociais se tornaram uma ferramenta fundamental da política contemporânea ao permitir uma comunicação mais direta com potenciais eleitores, ao mesmo tempo em que abriu espaço para os cidadãos compartilharem suas opiniões e ideias, fomentando maior participação popular na política (Arriola, 2023; Lobão, 2025; Mounk, 2018). Nas mãos dos populistas da direita radical, a internet se tornou “instrumento de uma revolução democrática destinada a arrancar o poder das mãos de uma casta de profissionais da política e entregá-lo ao homem comum” (Da Empoli, 2020, p.54).

Contudo, isso não necessariamente proporcionou benefícios à democracia. Pelo contrário, testemunhamos uma constante erosão do ambiente democrático partindo das mídias sociais. A comunicação digital possibilitou o desenvolvimento de uma infraestrutura de criação e disseminação em massa de *fake news*, calúnias e discursos de ódio – mecanismos que foram magistralmente incorporados pelas ultradireitas (Han, 2022; Doroshenko, Tu, 2023). A falta de regulamentações abre margem para que usuários escapem de instrumentos de checagem de fatos e apuração de crimes digitais. E quando se iniciam investigações, sua autoria pode ser facilmente negada, especialmente quando se trata de publicações feitas por contas-*fake*, *bots* ou usuários anônimos (Da Empoli, 2020). Mais importante, antes mesmo do processo de verificação, as *fake news* já tiveram seu efeito devastador.

Nas comunidades *online*, *trolls* e blogueiros conspiracionistas oferecem serviços valiosos a políticos da DRP em troca de apoio a suas pautas de liberdade de expressão ilimitadas e anonimato nas redes. Isto inclui campanhas virais, ataques a adversários, naturalização de opiniões extremistas antes consideradas tabus (Da Empoli, 2020) e a amplificação do alcance de tais mensagens através de um alto número de curtidas, comentários e compartilhamentos ou por meio de publicações em páginas com milhares de seguidores (Doroshenko, Tu, 2023).¹¹ Além disso, há mais uma peça crucial neste tabuleiro: as *big techs*. Empresas como Meta e X (antigo Twitter) operam sob um modelo de negócios centrado no engajamento, mesmo que ele venha de informações falsas, publicações discriminatórias, ataques à democracia ou crimes virtuais (Flor, 2025). Assim, conteúdos polarizadores e extremistas, ao fomentar mais reações por parte dos usuários, são beneficiados pelos algoritmos das redes sociais, que aumentam seu alcance de modo que tal engajamento se transforme simultaneamente em lucro para as *big techs* e apoio para a ultradireita.¹² Tudo isso cria uma percepção de credibilidade e de que tais questões são amplamente apoiadas, contribuindo, dessa forma, para a criação de um ambiente digital propício

¹¹ Estes números são frequentemente inflados de maneira artificial através de *bots* e contas-*fake*.

¹² Há de se mencionar ainda o papel fundamental desempenhado pelos CEOs das *big techs*, como Mark Zuckerberg e Elon Musk, que se tornaram vozes ativas contra projetos de regulamentação das mídias sociais sob a fachada da defesa da liberdade de expressão, atuando em conjunto à administração de Trump e pressionando governos do mundo todo. Ademais, Musk tem atuado em favor da ultradireita, compartilhando seus conteúdos, reintegrando contas que haviam sido banidas e interagindo com figuras de responsáveis por difundir intolerância e desinformação. Destaca-se ainda o confronto entre o bilionário e o Supremo Tribunal Federal por conta da decisão judicial de bloquear contas ligadas a redes de desinformação e ataques à democracia no Brasil (Flor, 2025).

para a disseminação de pautas da ultradireita. Com uma atmosfera de opiniões mais receptiva, torna-se mais fácil influenciar as decisões eleitorais da população (Han, 2022).

Assim, o único critério de seleção das mensagens compartilhadas é o engajamento, independentemente da veracidade do conteúdo. As notícias que geram mais cliques e provocam reações mais intensas são republicadas e aprofundadas. As outras, ainda que mais importantes e exatas, são deixadas de lado (Da Empoli, 2020). Apenas o que dá maior engajamento é transformado em pauta política. As mídias sociais possibilitaram, portanto, que tópicos da ultradireita dessem um salto gigantesco em direção ao *mainstream*. Já não é mais necessário avançar sobre as mídias tradicionais (corruptas) para sair de suas bolhas (Arriola, 2023). Muitas das informações produzidas e compartilhadas em seus próprios canais são “recortadas, sob medida, para viralizar no Facebook e nas outras redes sociais” (Da Empoli, 2020, p.56).

Neste cenário, conspirações, *fake news* e discursos extremistas servem perfeitamente às redes sociais, porque as fortes emoções provocadas – quase sempre negativas – agem como um motor que potencializa exponencialmente o número de reações (Doroshenko, Tu, 2023). Isto é, levam a espirais de consenso ou de conflito com outros usuários cujo objetivo é, acima de tudo, gerar engajamento. “A indignação, o medo, o preconceito, o insulto, a polêmica racista ou de gênero [...] proporcionam muito mais atenção e engajamento que os debates enfadonhos da velha política” (Da Empoli, 2020, p.88). O mesmo se aplica aos memes, que sintetizam opiniões complexas em imagens ou textos concisos, sempre com tom humorístico, e que levam as pessoas a sentir uma urgência em interagir com ele, seja para concordar ou discordar – especialmente memes que mascaram mensagens preconceituosas e/ou que carregam discursos de ódio por trás de piadas (Arriola, 2023).

Aprofundando nossa análise sobre as dinâmicas *online* da política, notamos que as mudanças nos meios de comunicação provocaram mudanças também nos discursos políticos. Do jornal impresso para a televisão e desta para o meio digital, a velocidade da comunicação aumentou vertiginosamente e comprimiu o tempo da informação, que, por sua vez, tornou-se fragmentada. Assim, o discurso racional – argumentativo, fundamentado e tedioso – dá lugar a mensagens breves e com forte apelo emocional e força mobilizadora, ainda que falsas. O discurso político torna-se, desse modo, reduzido e performático, reorientando-se da razão para as paixões (Han, 2022).

A política, destarte, passou a se entrelaçar intimamente à internet e a ser moldada por ela. A “democracia se degenera em infocracia” (Han, 2022, p.25), isto é, um regime marcado por um tsunami de informações – e seu processamento por algoritmos e inteligências artificiais – que determinam processos políticos e sociais. O jogo político passou a ser fundamentado, portanto, não em ideias, mas em algoritmos. Eles permitem identificar a opinião pública e as preferências dos eleitores e, assim, auxiliam os partidos a conduzirem suas plataformas políticas e a escolherem líderes que melhor traduzam os anseios do povo. Portanto, os algoritmos levam partidos e movimentos políticos a apoiar não importa quais posições, das razoáveis às mais absurdas, desde

que elas expressem os interesses, aspirações e, principalmente, os medos dos eleitores (Da Empoli, 2020).

A influência algorítmica é escancarada em *The Boys* (2019-). A popularidade de cada herói perante o público, medida através de parâmetros das redes sociais, influencia diretamente a narrativa construída pela *Vought* e, consequentemente, suas ações. Até mesmo a escolha dos integrantes do *The Seven* é determinada, essencialmente, pela popularidade do herói. Aquele que tiver maior apelo entre os internautas, possui maiores chances de ser escolhido – afinal, as aparências geram credibilidade, que, por sua vez, materializa-se em poder político e financeiro.

O mesmo acontece em *Gen V* (2023-), *spin-off* de *The Boys* ambientado na Universidade de Godolkin, controlada pela *Vought*. Há no campus um top 10 de estudantes que, assim que se formarem, ganharão lugar de maior destaque no mundo dos heróis. Estar entre os 10 é, portanto, o desejo de todos na Universidade. A classificação, todavia, não é feita com base na capacidade de cada um, mas sim de acordo com sua popularidade perante o público: “o ranking é baseado em uma cuidadosa análise de talento, habilidade, reconhecimento da marca e menções [nas redes sociais]” (*Gen V*, 2023-, t.1, ep.2). Ou seja, as redes sociais exercem papel fundamental.

Consequentemente, em todos os lugares os alunos estão com seus *smartphones* gravando conteúdo para suas redes. Sendo real ou não, o que importa é gerar cliques. Mesmo a morte de outrem é pauta para os vídeos. Após a morte trágica do diretor da Universidade, alunos se aglomeram ao redor de sua estátua a fim de supostamente prestar sua solidariedade, deixando lá flores, fotos e toda sorte de homenagens ao diretor. As reais intenções, no entanto, são apenas de gravar conteúdo para as redes sociais. Uma garota em particular filma a si mesma chorando copiosamente, mas tão logo o vídeo termina, as lágrimas imediatamente cessam; ela posta o conteúdo e vai embora (*Gen V*, 2023, t.1, ep.2). A morte não lhes causa empatia. Estão ali exclusivamente para cliques, afinal as emoções geram maior engajamento.

Tal comportamento não causa estranheza a ninguém. Já foi naturalizado. Em verdade, foi até mesmo institucionalizado: cada herói do top 10 conta com sua própria assessoria de mídias sociais cujo objetivo é moldar sua imagem e impulsioná-los nas redes. Cada fala, cada gesto é cuidadosamente planejado para construir uma narrativa perante o público – até mesmo suas entrevistas possuem *scripts*. Cada um deles já não é uma pessoa, mas sim uma marca a ser explorada pela *Vought*.

Tanto em *The Boys* quanto em *Gen V*, o comportamento de cada super-herói é pautado pelas redes sociais. As narrativas mudam conforme a opinião pública muda. Os algoritmos moldam o comportamento. O posicionamento de agora não necessariamente reflete o posicionamento de amanhã. Mesmo que um herói esteja no topo da hierarquia há anos, caso sua popularidade caia, ele é logo substituído por outro que esteja nas graças do público.

O sucesso dessa estratégia digital, incorporada habilmente pela ultradireita, só foi possível em decorrência da análise de uma quantidade imensurável de dados – o *Big Data*. Graças ao

trabalho de uma imensa equipe de cientistas de dados, tornou-se possível conhecer o perfil da população – quem são, onde moram, opiniões acerca de determinados assuntos etc. – e identificar potenciais eleitores. A partir dessa identificação, criam-se milhares de mensagens personalizadas, alterando conteúdo e forma conforme seu índice de eficácia e a receptividade do público e, assim, atingir milhões de eleitores indecisos e fazer pender a balança a favor de pautas conservadoras e excludentes (Arriola, 2023; Da Empoli, 2020). Essa estratégia é conhecida como *micro-targeting*.

Não é mais necessário convergir a campanha para posicionamentos moderados que alcancem o maior número de pessoas possível (Arriola, 2023). Ao contrário, pode-se dirigir cada mensagem para nichos específicos, no momento mais propício: para operários, mensagens sobre o desemprego (e como imigrantes roubam os poucos existentes); para pais de família, mensagens sobre segurança; para conservadores, mensagens sobre a destruição dos valores tradicionais (seja pelas mãos de homossexuais ou de muçulmanos), e assim por diante. Isso tornou a propaganda política muito mais eficaz e direcionada. Os eleitores já não são mais informados sobre o programa político de um partido, mas sim recebem mensagens que se enquadram com seu perfil (Han, 2022). Tornou-se possível “abordar os argumentos mais controversos, endereçando-os somente àqueles que lhes são sensíveis, sem correr o risco de perder o apoio de outros eleitores que pensam diferente” (Da Empoli, 2020, p.152).

Essa estratégia é utilizada por Sage para impulsionar Firecracker e fomentar o ódio à Starlight. Sage fez questão que o podcast *The Truthbomb* fosse veiculado por todas as redes da *Vought*, não só *online*, mas também na televisão. Além da potencialização do alcance, fazendas de *trolls* foram contratadas para desenterrar e disseminar todo tipo de informação anti-Starlight para o *mainstream* e, através de uma minuciosa análise de dados (*Big Data*), milhares de mensagens aparecem para usuários nas redes sociais (*micro-targeting*). Nas palavras de Sage, “precisamos que o algoritmo encontre os usuários mais receptivos e então jogue os artigos no topo de seus *feeds* até 100 milhões de pessoas se indignarem com Starlight por razões que eles nem mesmo conseguem explicar” (The Boys, 2019-, t.4, ep.4).¹³

Consolida-se, neste cenário, um grande risco à democracia, pois cada um recebe uma informação diferente. Os algoritmos limitam as informações mostradas nos *feeds*, sugerindo apenas conteúdos semelhantes aos que normalmente somos expostos. O que não condiz com a opinião individual é omitido. Formam-se, então, câmaras de eco, “ambientes nos quais a opinião, inclinação política ou crença dos usuários sobre um tópico é reforçada devido a interações repetidas com colegas ou fontes que têm tendências e atitudes semelhantes” (Cinelli *et al.*, 2021, p.1, tradução minha). Nestas câmaras, o *outro* é expulso, limitando a conexão apenas entre pessoas que compartilham de opiniões semelhantes. Exclui-se assim a possibilidade do diálogo, sendo possível ouvir apenas a si mesmo, em um processo de autodoutrinação que reforça as

¹³ Interessante mencionar as *hashtags* que mais repercutiram naquele momento: “Jihad progressista da Starlight” e “feminismo branco e arrogante” (The Boys, 2019-). Além dos ataques a ideias progressistas, o termo “jihad” incrementa o discurso com um tom islamofóbico.

próprias ideias como dogmas (Han, 2022). Consequentemente, empurra-se grupos a posicionamentos mais extremos, aumentando a polarização da sociedade e deteriorando o ambiente político.

Percebe-se, portanto, que plataformas originalmente utilizadas para o entretenimento, modificaram tanto a maneira como acessamos a informação quanto a forma como ela se dissemina. Sua influência sobre a sociedade foi tamanha que passou a moldar as percepções do público sobre o cenário político, alterando, com isso, a condução de debates públicos e as próprias dinâmicas eleitorais, apresentando como consequência uma precarização do ambiente democrático.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, buscou-se demonstrar como a série *The Boys* (2019-) oferece uma representação crítica e multifacetada da ascensão da ultradireita contemporânea, explorando as dimensões performáticas e discursivas de seu *modus operandi*. O enredo da série permite identificar como discursos autoritários e práticas de manipulação da verdade são articulados por meio da construção de narrativas nacionalistas e anti-inimigo que espelham movimentos reais no cenário político global.

A análise proposta se concentrou em quatro personagens. O primeiro deles é Homelander, que sintetiza diversos elementos da retórica populista da direita radical, como a liderança forte e carismática, a vitimização perante um inimigo misterioso, o ultranacionalismo e a polarização entre o povo e a elite. A segunda é Firecracker, que representa perfeitamente as emoções mobilizadas pela ultradireita na construção de suas narrativas, como o medo, a cólera e o ressentimento. A heroína retrata ainda como as *fake news* e teorias da conspiração podem ser utilizadas não apenas como vetores de coesão e mobilização social, mas também como ferramentas para difamar inimigos políticos. A terceira é Sage, a cabeça pensante por trás das estratégias da *Vought*. Ela se configura na representação da equipe de políticos, marqueteiros e cientistas de dados por trás das campanhas eleitorais de populistas. Por fim, Starlight, a grande antagonista do *The Seven*, ao redor da qual as demais personagens constroem sua narrativa anti-inimigo e se articulam com o objetivo de destruí-la.

Os apelos à religião e a valores tradicionais também são elementos utilizados pelas personagens para gerar coesão e justificar práticas e discursos excludentes. A aliança entre o nacionalismo e a religião são, portanto, utilizados como pilares de sustentação da guerra cultural entre “nós” e “eles” – isto é, entre o povo legítimo e seus inimigos, subversivos que ameaçam sua identidade – promovida pelos super-heróis, ilustrando de maneira fiel o *modus operandi* das ultradireitas que mobilizam valores religiosos para legitimar seus posicionamentos ultraconservadores e discriminatórios.

Além disso, a série retrata ainda como as ultradireitas articulam seus discursos antipolíticos, autoritários e excludentes com estratégias de comunicação digital e manipulação

algorítmica, utilizando as redes sociais para amplificar suas mensagens e mobilizar apoiadores. Nesta dimensão, destaca-se o uso da análise extensiva de dados, o *Big Data*, e o *micro-targeting* para identificar precisamente potenciais apoiadores. Tal estratégia possibilita uma comunicação mais eficaz e direta, de modo que não é mais necessário criar um discurso moderado a fim de unir eleitores em torno de um denominador comum. Ao contrário, busca-se inflamar as paixões de diversos grupelhos e amalgamá-los em uma agenda extremista que não é mais marginalizada.

Manifestações públicas em apoio à Homelander, com cartazes em defesa da pátria e de Deus, encontram eco em episódios reais, como os ataques ao Capitólio, nos EUA em 2021, e a tentativa fracassada de golpe no Brasil, em 2023. Tais casos evidenciam o grau de manipulação exercido pela ultradireita, que alimenta seu exército de patriotas alucinados com *fake news* e conspirações – majoritariamente através de redes sociais e grupos de mensagem privados – e, dessa forma, mobiliza-os em ataques contra a democracia e ainda incute em suas mentes uma cultura de ódio e violência.

Por fim, ao subverter o arquétipo clássico do super-herói – associado a valores como excepcionalismo, virtude moral e liderança heroica – e apresentá-los como agentes corporativos, autoritários e manipuladores, a série tensiona os repertórios simbólicos por vezes apropriado pelas ultradireitistas na construção de suas narrativas e oferece, dessa forma, um terreno fértil para observar o *modus operandi* desses grupos – baseado em ressentimento, conspirações, culto à personalidade e manipulação midiática. Assim, ao retratar tantos elementos que ecoam no funcionamento político de diversas democracias contemporâneas em crise, *The Boys* se consolida como uma obra de cultura *pop* que não apenas serve como metáfora da realidade atual, mas também como ferramenta analítica útil para compreender os mecanismos discursivos e emocionais mobilizados pelas novas ultradireitas, bem como os fundamentos simbólicos que sustentam sua força mobilizadora no mundo real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrahamsen, R. *et al.* (2020) 'Confronting the International Political Sociology of the New Right'. *International Political Sociology*, 14(1). Disponível em: <https://academic.oup.com/ips/article-abstract/14/1/94/5733118?redirectedFrom=fulltext> [Acesso em: 19 fev. 2025].

Arriola, T. F. (2023). *Far-right parties youth social media targeting: An analysis of Vox's Instagram and TikTok Activity*. Charles University. Disponível em: <https://dspace.cuni.cz/handle/20.500.11956/187369> [Acesso em: 01 abr. 2025].

Barbosa Jr., R.; Casarões, G. (2022). 'Statecraft under God: Radical Right Populism meets Christian Nationalism in Bolsonaro's Brazil'. *Millennium: Journal of International Studies*.

Bomfim, T. (2024). 'Pizzagate': 1ª grande fake news trumpista foi central na eleição de 2016'. *Uol*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/09/19/pizzagate-fake-news-eua.htm> [Acesso em: 10 mar. 2025].



Carta Capital. (2022). 'Bolsonaro distorce decreto de Lula em discurso homofóbico durante ato em igreja evangélica'. (2022). *Carta Capital*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-distorce-decreto-de-lula-em-discurso-homofobico-durante-ato-em-igreja-evangelica/> [Acesso em: 09 abr. 2025].

Casarões, G; Farias, D. (2021). 'Brazilian foreign policy under Jair Bolsonaro: far-right populism and the rejection of the liberal international order'. *Cambridge Review of International Affairs*.

Cinelli, M., et al. (2021). 'The Echo Chamber Effect on Social Media'. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 118(9). Disponível em: https://www.pnas.org/doi/abs/10.1073/pnas.2023301118?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori%3Arid%3Aacrossref.org&rfr_dat=cr_pub++0pubmed [Acesso em: 01 abr. 2025].

Da Empoli, G. (2020). *Os Engenheiros do Caos*. São Paulo: Ed. Vestígio.

Damhuis, K.; Rashkova, E. R. (2024). 'The politics of resentment: what is it and how is it mobilized by populist radical right-wing parties in different contexts?' *Frontiers in Political Science*, 6. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/political-science/articles/10.3389/fpos.2024.1390228/full> [Acesso em: 26 mar. 2025].

Doroshenko, L.; Tu, F. (2023) 'Like, Share, Comment, and Repeat: Far-right Messages, Emotions, and Amplification in Social Media'. *Journal of Information Technology & Politics*, 20(3).

Eatwell, R; Goodwin, M. (2020). *Nacional-populismo: A revolta contra a democracia liberal*. São Paulo: Editora Record.

Fassin, E. (2019). *Populismo e ressentimento em tempos neoliberais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Flor, K. (2025). 'Big techs desafiam a democracia e favorecem a extrema direita'. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/big-techs-desafiam-a-democracia-e-favorecem-a-extrema-direita/> [Acesso em: 07 abr. 2025].

Gen V. (2023). 1 temporada. Direção: Nelson Cragg *et al.* Produção: Eric Kripke *et al.* EUA: Amazon Studios. Disponível em: https://www.primevideo.com/region/na/detail/OQL016992N86EED5P1FO3ER0P5/ref=atv_sr_flc_srce7a38_1_1_1?sr=1-1&pageTypeIdSource=ASIN&pageTypeId=B0CBKM31DY&qid=1742232410168 [Acesso em: 17 mar. 2025]

Hagen, L. (2022). 'The ReAwaken America Tour unites conservative Christians and conspiracy theorists'. *NRP*. Disponível em: <https://www.npr.org/2022/11/02/1133477897/reawaken-america-brings-together-some-of-the-u-s-most-prolific-conspiracy-theori> [Acesso em: 21 nov. 2025].

Hailer, M. (2024). 'The Boys: série da Amazon desenha como funciona estética TikTok da extrema direita'. *Revista Fórum*. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniao/2024/7/4/the-boys-serie-da-amazon-desenha-como-funciona-estetica-tiktok-da-extrema-direita-161606.html> [Acesso em: 07 abr. 2025].

Han, B.C. (2022). *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.

Lobão, A. (2025). 'Como a extrema direita dominou o uso da internet?'. *Revista Fórum*. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniao/2025/3/6/como-extrema-direita-dominou-uso-da-internet-175253.html> [Acesso em: 07 abr. 2025].

Magalhães, D. (2018a). 'A volta do Gran Torino: os eleitores de Trump no mundo globalizado'. *Estado da Arte*. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/politica/a-volta-do-gran-torino-os-eleitores-de-trump-no-mundo-globalizado/> [Acesso em: 27 mar. 2025].

Magalhães, D. (2018b). 'Quem tem medo do globalismo?'. *Estado da Arte*. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/historia/quem-tem-medo-do-globalismo/> [Acesso em: 31 mar. 2025].

Milanovic, B. (2016). *Global Inequality: A New Approach for the Age of Globalization*. Harvard University Press.

Mudde, C. (2007). *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge University Press.

Mudde, C. (2022). *A Extrema Direita Hoje*. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ.

Mudde, C.; Kaltwasser, C. (2017). *Populismo: Uma brevíssima introdução*. Lisboa: Gradiva.

Oliveira, P. C. (2022). 'Dos Protocolos dos Sábios de Sião ao Q-Anon: a renovação do discurso conspiracionista na extrema-direita contemporânea'. *Intellèctus*, 21(1). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9145388> [Acesso em: 26 mar. 2025].

Pirro, A. L. P. (2023). 'Far right: The significance of an umbrella concept'. *Nations and Nationalism*, 29(1). Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/nana.12860> [Acesso em: 25 mar. 2025].

Rodrik, D. (2021). 'Why Does Globalization Fuel Populism? Economics, Culture, and the Rise of Right-Wing Populism'. *Annual Reviews of Economics*, 13. Disponível em: https://drodrik.scholar.harvard.edu/files/dani-rodrik/files/why_does_globalization_fuel_populism.pdf [Acesso em: 09 abr. 2025].

Sanahuja, J. A.; Burian, C. L. (2020). 'The New Latin American Neo-Patriotic Far-Right: Reactionary Internationalism and Its Challenge to the International Liberal Order'. *Conjuntura Austral*, 11(55).

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/download/106956/58611> [Acesso em: 25 mar. 2025].

Schmitt, C. (2008). *O Conceito do Político / Teoria do Partisan*. Ed. Del Rey.

The Boys. (2019–). 4 temporadas. Direção: Eric Kripke *et al.* Produção: Eric Kripke, *et al.* EUA: Amazon Studios. Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/The-Boys/0KRGHGZCHKS920ZQGY5LBRF7MA> [Acesso em: 12 mar. 2025].

Wirz, D. (2018). 'Persuasion through emotion? An experimental test of the emotion-eliciting nature of populist communication'. *International Journal of Communication*, 12. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/7846/2287> [Acesso em: 03 abr. 2025].